



TRAJETÓRIA HISTÓRICA, PRAÇAS E DIÁLOGOS

150 anos de Mackenzie
e a cidade de São Paulo

Celso Lomonte Minozzi

Rafael Manzo

ORGANIZADORES



 Editora
Mackenzie

150 anos
1870 - 2020

TRAJETÓRIA HISTÓRICA, PRAÇAS E DIÁLOGOS

150 ANOS DE MACKENZIE E
A CIDADE DE SÃO PAULO

CONSELHO DE CURADORES

Presidente	<i>Rev. Juarez Marcondes Filho</i>
Vice-Presidente	<i>Pb. Renato Laranjo Silva</i>
Secretário	<i>Rev. Cid Pereira Caldas</i>
Membro Nato	<i>Rev. Roberto Brasileiro Silva</i>
Membros	<i>Pb. Antônio César de Araújo Freitas</i> <i>Pb. Dante Venturini de Barros</i> <i>Rev. Paulo César Diniz de Araújo</i>

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente	<i>Rev. Cid Pereira Caldas</i>
Primeiro Secretário	<i>Pb. Adilson Vieira</i>
Segundo Secretário	<i>Pb. Antônio César de Araújo Freitas</i>
Vogal	<i>Rev. Roberto Brasileiro Silva</i>
Vogal	<i>Pb. Renato Laranjo Silva</i>
Membros	<i>Rev. Alcyon Vicente P. C. Júnior</i> <i>Pb. Anizio Alves Borges</i> <i>Pb. Antônio Cabrera Mano Filho</i> <i>Pb. Claudson Roberto Lima Xavier</i> <i>Pb. Dante Venturini de Barros</i> <i>Pb. Ernesto de Jesus Herrera</i> <i>Rev. Juarez Marcondes Filho</i> <i>Pb. Maurício Melo de Meneses</i> <i>Pb. Nehemias Curvelo Pereira</i> <i>Rev. Paulo César Diniz de Araújo</i>

COMISSÃO DO SESQUICENTENÁRIO

Relator	<i>Rev. Cid Pereira Caldas</i> <i>Pb. Antônio Cabrera Mano Filho</i> <i>Pb. Maurício Melo de Meneses</i>
---------	--

INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Chanceler

Rev. Robinson Grangeiro Monteiro

Diretor Presidente

Milton Flávio Moura

Diretor de Desenvolvimento
Humano e Infraestrutura

Walter Eustáquio Ribeiro

Diretor de Finanças

Denys Cornélio Rosa

Diretor de Ensino, Pesquisa
e Inovação

Carlos César Bof Bufon

Diretor de Estratégia e Negócios

André Ricardo de Almeida Ribeiro

Diretor de Saúde

Luiz Roberto Martins Rocha

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor	<i>Marco Tullio de Castro Vasconcelos</i>
Chefe de Gabinete da Reitoria	<i>Marcos Nepomuceno Duarte</i>
Pró-Reitor de Controle Acadêmico (PRCA)	<i>Wallace Tesch Sabaini</i>
Pró-Reitor de Extensão e Cultura (PREC)	<i>Cleverson Pereira de Almeida</i>
Pró-Reitora de Graduação (PRGA)	<i>Janette Brunstein</i>
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPG)	<i>Felipe Chiarello de Souza Pinto</i>
Pró-Reitor de Planejamento e Administração (PRPA)	<i>Luiz Carlos Lemos Júnior</i>

UNIDADES ACADÊMICAS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)	<i>Jan Carlo Morais Oliveira</i> <i>Bertassoni Delorenzi</i>
Centro de Comunicação e Letras (CCL)	<i>Rafael Fonseca Santos</i>
Centro de Ciências Sociais e Aplicadas (CCSA)	<i>Claudio Parisi</i>
Centro de Ciências e Tecnologia (CCT)	<i>Anaor Donizetti Carneiro da Silva</i>
Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT)	<i>Marcelo Martins Bueno</i>
Escola de Engenharia (EE)	<i>Marcos Massi</i>
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)	<i>Angélica Benatti Alvim</i>
Faculdade de Computação e Informática (FCI)	<i>Daniela Vieira Cunha</i>
Faculdade de Direito (FDir)	<i>Gianpaolo Poggio Smanio</i>

TRAJETÓRIA HISTÓRICA, PRAÇAS E DIÁLOGOS

150 ANOS DE MACKENZIE E
A CIDADE DE SÃO PAULO

Organizadores

Celso Lomonte Minozzi
Rafael Manzo



EDITORA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor *Marco Tullio de Castro Vasconcelos*

Coordenador *John Sydenstricker-Neto*

Conselho Editorial *Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota*
Elizeu Coutinho de Macedo
Helena Bonito Couto Pereira
João Baptista Borges Pereira
Jônatas Abdias de Macedo
José Francisco Siqueira Neto
José Paulo Fernandes Júnior
Karl Heinz Kienitz
Luciano Silva
Marcel Mendes
Vladimir Fernandes Maciel

COLEÇÃO 150 ANOS DE MACKENZIE E A CIDADE DE SÃO PAULO

GRUPO OPERACIONAL

Coordenação Geral
Coordenação Geral
Responsáveis Impressos

Celso Lomonte Minozzi
Eduardo Castedo Abrunhosa
Rafael Manzo e Maria Teresa de S. e Breia

UNIDADES

Representante CCBS
Representante CCL
Representante CCSA
Representante CCT
Representante CEFT
Representante EE
Representante FAU
Representante FCI
Representante FDir

Paola Biselli Ferreira Scheliga
André Cioli Taborda Santoro
Nelson Destro Fragoso
Gilson Alberto Novaes
Marcelo Martins Bueno e Marili M. S. Vieira
Orlando Monezi Junior
Eunice Helena S. Abascal
Arnaldo R. de Aguiar V. Filho
Ana Cláudia Silva Scalquette

APOIO GRUPO OPERACIONAL

Bolsista Mestranda PPG-EACH
Bolsista Mestranda PPG-FAU
Bolsista Mestranda PPG-FAU
Bolsista Mestranda PPG-Letras

Débora Setton
Isabella Gadotti Narciso
Thaty Tamara Baldini Galvão
Giovanna Rodel Prado

© 2021

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação editorial
Projeto gráfico
Logotipo da coleção,
adaptação de capa e ePub
Copidesque
Diagramação
Revisão
Estagiário editorial
Responsável técnico

*Andréia Ferreira Cominetti
Estúdio Osch

Pedro Pancheri
Carlos Villarruel
Emap
Studio Ayres
Élcio Marcos Carvalho Junior
Andréia Ferreira Cominetti*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

T768 Trajetória histórica, praças e diálogos : 150 anos de Mackenzie e a cidade de São Paulo. / organizadores Celso Lomonte Minozzi e Rafael Manzo. – São Paulo : Editora Mackenzie, 2021.
120 p. : il.; 23 cm. (Coleção 150 anos de Mackenzie e a cidade de São Paulo; v. 10)

Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-65-5545-255-6

1. Educação. 2. Sociedade. 3. Instituto Presbiteriano Mackenzie – História. 4. Universidade Presbiteriana Mackenzie – História. 5. Escola Americana Mackenzie – História. 6. São Paulo – História. I. Minozzi, Celso Lomonte, *organizador*. II. Manzo, Rafael, *organizador*. III. Série.

CDD 370

Bibliotecária Responsável: Paola Damato – CRB 8/6271

EDITORA MACKENZIE

Rua da Consolação, 930 – Edifício João Calvino – São Paulo – SP – CEP 01302-907
+55 (11) 2114-8774 (editorial) | editora@mackenzie.br | mackenzie.br/editora

EDITORA AFILIADA

TRAJETÓRIA HISTÓRICA, PRAÇAS E DIÁLOGOS

150 ANOS DE MACKENZIE E
A CIDADE DE SÃO PAULO

**Coordenadores gerais do Grupo Operacional envolvidos nas
comemorações dos 150 anos**

Prof. Dr. Celso Lomonte Minozzi
Prof. Dr. Eduardo Castedo Abrunhosa

Responsáveis pelos impressos nas comemorações dos 150 anos

Prof. Dr. Rafael Manzo
Prof^a. Dr^a. Maria Teresa de Stockler e Breia

SUMÁRIO

Introdução: entre muros – fora muros	13
<i>Celso Lomonte Minozzi</i>	
1. O Projeto 150 anos e o acervo do CHCM: entre registros e descobertas de uma trajetória	33
<i>Débora Setton, Giovanna Rodel Prado, Isabella Gadotti Narciso e Thaty Tamara Baldini Galvão</i>	
2. A invenção da metrópole	39
<i>Rafael Manzo</i>	
3. Mackenzie: evolução e relevância	67
<i>Maria Teresa de Stockler e Breia</i>	
4. O Mackenzie e as transformações culturais da cidade de São Paulo: memórias da urbe nos anos 1950	91
<i>Eunice Helena Sguizzardi Abascal</i>	
Organizadores	119
Autores	119

INTRODUÇÃO: ENTRE MUROS – FORA MUROS

A *Coleção 150 anos de Mackenzie e a cidade de São Paulo* marca um dos pontos centrais das comemorações do sesquicentenário da Escola Americana e a contribuição que a Universidade Presbiteriana Mackenzie teve ao longo de todos esses anos.

Seu título evidencia o desenvolvimento de um pensamento e de um tempo, o pensamento que se consagra como base de ensino que se apresenta ao largo dos diversos cursos que esta Universidade oferece no tempo de crescimento e mudança da cidade de São Paulo.

As primeiras reuniões que deram origem a esta coleção começaram no mês de março de 2019 tendo uma expectativa de contribuir para as comemorações que acontecem neste ano de 2021 e dar um depoimento de uma presença, de diversas presenças, no Mackenzie, como carinhosamente é chamada esta Instituição.

Uma ideia foi pouco a pouco sendo desenvolvida de modo a agregar uma imensa força de trabalho, pesquisas, formas de ensino, história e esperança.

A visão do futuro que sempre está conectada com o trabalho de ensinar não é um conceito dileitante desprovido de atenção ao mundo e à sua época, e da necessidade de ação sobre este mundo. Ao contrário, cada passo dado, cada dia conquistado intervém na vida de uma sociedade que recebe novas forças de trabalho e de mudança na promessa de uma vida melhor, mais clara e ativa nas diversas dimensões que uma sociedade tem.

O pensamento foi formar um canal espontâneo por meio do qual toda gama de realizações e presenças dos professores pudesse ser expressa demonstrando não apenas a força histórica desta instituição e o quanto já havia sido realizado, mas também acrescentando uma promessa de visão do mundo e do nosso tempo, da sociedade e do ser humano.

O nome Mackenzie, no título desta coleção, reflete esse pensamento no tempo e nas dimensões de suas realizações, uma síntese dessas dimensões: a Escola Americana, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, o Instituto Presbiteriano Mackenzie.

Esses 150 anos guardam uma origem de esforços e trabalho, perseverança e visão de futuro iniciados pelo casal Chamberlain e que segue como marco desta Instituição na sua percepção da sociedade e da época em que vivemos a partir do Colégio Protestante e da Escola Americana, apresentando o sistema norte-americano de ensino e uma nova forma de olhar para a sociedade.

Nos debates ocorridos para a construção desta coleção, houve sempre uma preocupação com a clareza do processo histórico desta Instituição desde seus primeiros movimentos em 1870 até o surgimento do Colégio Protestante ainda no período imperial da nossa história, época com outro sentido político e social, cultural e religioso.

Quando olhamos o tempo do Mackenzie, esses 150 anos, nem sempre fazemos a adequação devida aos diversos momentos históricos e às mudanças sociais e culturais, e nem percebemos com clareza quanto foi necessário que esta Instituição, desde sua origem, soubesse dialogar com seu mundo interno e com seus mundos externos.

As diferenças religiosa e cultural compreendidas pelo pensamento protestante e a educação norte-americana foram, ao mesmo tempo, o motivo de estranhamento, por vezes agressivo, e também a sua força e resistência.

Esses mundos externos podem ser vistos como momentos que se renovam sem a necessidade de continuação diante das forças de mudança das sociedades no tempo e a resposta que essas sociedades têm diante dessas forças. Tempos que somados na memória dão-nos a impressão de continuidade mesmo diante de seus fortes processos de descontinuação.

Tempos somados na memória das formas republicanas e não republicanas que nossa sociedade enfrentou. Tempos de paz e guerra que o mundo enfrentou.

A soma desses tempos conforma uma percepção de nossa sociedade e de seus movimentos buscando uma ideia de clareza histórica, mas não dá conta dos desafios próprios a cada momento e às suas mudanças.

Dar conta desses processos pertence ao nosso conjunto de desafios, abrir uma leitura sobre o tempo e dar clareza à nossa época em concomitância ao desafio de darmos clareza ao nosso processo de mudança. Afinal, o sentido do passado sempre será condicionado ao conjunto de fatos que regem a nossa forma de vê-lo.

As circunstâncias dos tempos históricos nos remetem a uma necessidade de contar e recontar os acontecimentos nos quais estivemos envolvidos com as mudanças dos modos de viver e dos comportamentos, dos modos de nos perceber e viver.

Ao imaginarmos que nossa Instituição esteve presente nas alterações políticas do nosso país do Império à República e das ditaduras à redemocratização, percebemos uma vontade de existência que se encontra nesses tempos e que habita em todos os que estão envolvidos na vida do Mackenzie.

Um olhar para trás revivendo a origem dessa trajetória em nenhuma medida poderia ser uma nostalgia do passado como uma foto emoldurada na parede,

mas, sim, encontrar nessa mesma origem um pensamento e um sentimento que perduram na vida mackenzista. Se os mundos externos e suas mudanças indicam as fortes descontinuidades dos processos históricos, o Mackenzie, como uma ideia de educação, foi construído no seu mundo interno moldado pelas convicções das diversas dimensões de uma visão espiritual.

Esse pensamento e sentimento, o espírito mackenzista, encontram-se na confluência das ações dos missionários norte-americanos e na sua visão de educação, na influência do pensamento norte-americano na figura de John Dewey e em toda a potência provocada pelo tempo, e na sua dinâmica expressa nos trabalhos de professores, na vida dos alunos e nas incontáveis trocas de conversas, debates, expectativas e conquistas, realizados num tempo sem fim e sempre se reconstruindo em conversas e debates, vida e trabalho, alunos e professores e conquistas.

As conquistas de uns e de outros são as formas da complexidade de uma universidade demonstradas no ininterrupto trabalho de todos.

Onde encontrar o espírito mackenzista senão nos modos dos fazeres, nos objetivos que têm sempre um olhar para a sociedade à qual pertencemos, o mundo ao qual pertencemos?

Um princípio ético habita o conjunto dos fazeres que passam pelos tempos e pelas salas de aula, nas secretarias, nas conversas entre estudantes. Um sentimento que habita as relações de trabalho, respeito e amizade dentro e fora desta Universidade que se estabelecem nos tempos da cidade e fazem com que a multiplicidade de conquistas seja vista como a extensão da esfera social de uma comunidade mackenzista.

Onde se encontra esse espírito mackenzista e como se pode atingi-lo?

Está na insistência das aulas que produzem a cada etapa um universo de conhecimento? Ou será que está nos jovens olhares de estudantes buscando uma existência nova dentro de velhos conhecimentos?

Talvez esteja nos professores e nas professoras que estão há mais tempo nas nossas áreas de ensino ou, quem sabe, estará nos trabalhos de extensão, tão caros e necessários na esfera de uma responsabilidade social. Diretores, coordenadores e reitores têm também uma parcela no lugar onde se encontra o espírito mackenzista.

Mas creio que ele não se encontre em nenhum lugar que possa ser encontrado porque não está em nenhuma pessoa, assim como está em cada um de nós.

Está na sonoridade das pedras angulares dos prédios do Mackenzie, como escreve o professor Marcel Mendes, sínteses de atos e sonhos que perduram nos cursos e que se fazem ecoar ao longo das mudanças dos tempos.

Está na busca incessante do ideal de liberdade, republicana e duradoura, subjetiva na inteligência dos indivíduos e objetiva em suas demonstrações nas formas de arte, como descrita no texto do professor Gerson Leite de Moraes.

Com certeza se encontra nos corredores e nos cafés, nos lugares de trabalhos dos alunos e nas salas de professores. Está sim dentro das salas de aulas, no encontro de universos de entendimento e maneiras de inteligência.

Está no trabalho de todos mesmo quando não o vemos nos papéis assinados, porque está nos ritos de futuro com os quais cada decisão é tomada e que a todos abraça.

E nas quadras de esportes onde crianças, jovens e adultos se conhecem e fortalecem suas relações no jogo jogado e nas brincadeiras criadas, no fim do dia e no começo da manhã.

Mas com certeza, com toda certeza, encontra-se nas árvores e no meio das folhas, no vento dos tempos e na grandeza dos jardins.

Pois foi assim que meu pensamento encontrou o Mackenzie quando, muito antes de entrar na Faculdade de Arquitetura, permaneci um tempo no bosque das fadas, o jardim em frente ao prédio da Arquitetura, ainda um bosque com cascalho no chão e árvores a filtrar o sol da manhã, centelhas antes do paisagismo. Espaço de calma e solidão era, e continua sendo, um lugar da conversa, do diálogo e da amizade.

Na nossa primeira semana de aula, minha turma de faculdade e eu, no intervalo das aulas da manhã para a tarde, era no bosque que nos encontrávamos e conversávamos trocando as primeiras experiências e impressões sobre aulas e professores, aparentemente distantes das salas do prédio da Arquitetura, mas num lugar de encontro e amizade mantidos ainda hoje; Umuarama, o lugar onde os amigos se encontram, como lembram os professores Camila de Meirelles Landi, Maurício Marques Lopes Filho e William Ladeia de Carvalho, sobre o nome da colônia de férias.

Há lugares icônicos dessa *philia* acadêmica no nosso *campus*, lugares que todos abarcam, todos agregam simplesmente por participarem de uma instância de comunidade. Todo curso, toda faculdade, todo prédio tem um lugar de encontro, de troca e diálogo.

Será nas quadras e nas cantinas, ao longo dos caminhos que percorrem vidas que levam de porta a porta, de etapa em etapa. Neles se debatem sonhos e realidades entre estudos, trocas e brincadeiras.

São lugares de intervalo como os das crianças que correm e brincam transformando pouco a pouco seus sonhos de criança em pequenas realidades e mostram, nesse desenrolar, o exercício de vidas que se formam. Mostram a

felicidade no suor dos rostos cheios de brincadeira nas primeiras dialéticas entre indivíduo e sociedade, talvez as mesmas brincadeiras que estiveram na origem desta Instituição.

Mas são também os lugares nos quais os limites das salas de aula se desmancham e um curso vira uma praça de diálogo, de troca e ajuda em trabalhos para alunos de semestres diferentes. Onde estão esses lugares?

Os professores sabem os seus. Na Arquitetura, é o saguão onde pulsa claro o coração de uma escola, uma forma de ser e crer no futuro que se abraça. Nas grandes mesas compartilhadas não existe lugar marcado, são para todos. São os corredores, os diretórios estudantis e as salas às vezes sem aula, os lados de fora e o jardim.

Nessas pequenas ágoras se constroem relações na Universidade, nas quais as realidades novamente se transformam em sonhos nas formas de esperar os devires de uma vida na sociedade. Como enfrentar um futuro que ainda está em formação? Serão reconhecidos pela sua sociedade? Terão sucesso em suas carreiras? Ou procurarão uma relação mais intensa e sutil, participe dessa eterna construção que é uma sociedade?

As ágoras do intervalo sustentam esse conjunto de sonhos e valor social no meio de trabalhos escolares e trocas de informação e futuros de sociedade que a todos virão, diferentes e pessoais, mas integrados por um valor de educação. Ambientes experimentais para pequenas obras de arte: as imagens de futuros e os sonhos realizados.

Mas diante da ágora existe uma *stoá*, edifício coberto onde filósofos se encontravam, lugar de troca de conhecimento e de sua fundamentação. E diante das ágoras de intervalo se encontram as *stoás*, paredes e formas que se mantêm na história construindo todas as imagens possíveis em ricos caminhos e lugares de criação tão bem enunciados pelos professores Marcos Rizolli, Edson Elídio Adão, Parcival Módolo e Luciene Aranha Abrunhosa no capítulo “Lugares”, onde se encontra a arte, se verificam as técnicas e um *campus* se faz vida e ensino, futuro e pesquisa, responsabilidade e extensão.

Uma aula que leva a uma transcendência é um lugar de criação, assim como um experimento leva um aluno ou uma aluna a uma visão de cidadania e liberdade. Momentos de arte que transitam inúmeras vezes pelos trabalhos de professores e professoras, textos e livros, nos diversos mapas que se encontram no *campus* do Mackenzie.

São mapas de tempo e história com as próprias formas de compreensão, mas que nunca deixaram de ter ágoras de intervalo, caminhos e *stoás* com seus lugares de criação.

Nessa dialética constante se construiu uma Universidade a partir de uma escola e uma ideia.

Há vários lugares no *campus* do Mackenzie que demarcam as formas de vida que os ocupam, mas o mais icônico dos lugares é onde se encontra o edifício construído para a Escola de Engenharia e também onde se encontra uma das sonoras pedras angulares.

Ao olharmos com calma, veremos um conjunto complexo: o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), o atual Centro Histórico, a Biblioteca, a Faculdade de Direito, o muro que nos circunda e os jardins. Quanto de história e significado se encontra numa quase síntese da Universidade.

Natureza e cidade regidas pelo muro como material-fronteira. Leis e cidade, direito urbano e cidadania, biologia e conhecimento se renovam ano a ano, tempo a tempo, na intencionalidade de trabalho e *philia*.

Nas relações dos espaços ágoras de intervalo e dos edifícios *stoá*, vive-se o jogo constante das aulas e dos intervalos mediados pelos abstratos meios do conhecimento da arquitetura e do *design*, das leis e dos livros, com os olhares atentos de uma cidade extramuro e do Prédio 1, também Prédio da Reitoria.

Diagramas físicos de caminhos e prédios com diagramas abstratos que unem alunos, alunas, professores, professoras, diretores e reitoria mostram a orgânica relação na qual se estabelece o conceito-base desta coleção.

O tema “Educação, cidade e sociedade” foi estabelecido como paradigma inicial a partir de discussões e debates para encontrar um tema-pensamento que pudesse trazer as questões de origem da Instituição pela Escola Americana e lançar a complexidade atual da Universidade como base para um novo período desejado sempre longo e fecundo.

Os fundamentos históricos do Mackenzie são encontrados em alguns textos desta coleção: “Mackenzie: tradição e pioneirismo”, dos professores João Clemente de Souza Neto e Sérgio Ribeiro Santos, passando pelos tempos do nosso país e pelo desenvolvimento desta Instituição; o texto do professor Mário Sérgio Batista, “Religião e confessionalidade”, trazendo ponto a ponto a confessionalidade como forma de buscar uma educação mais justa, clara e igualitária. O que não deixa de ser uma visão de sociedade e de realidade nas dimensões da espiritualidade: o conhecimento técnico, a visão social, uma educação política, uma missão confessional.

Todos que vivemos o Mackenzie sabemos a velocidade de transformação da nossa sociedade e do ensino, não apenas por conta de nova tecnologia, mas pelo fato de os sujeitos sociais serem vistos como atores sociais. A educação não está a reboque de uma demanda social, mas precisa se colocar como vanguarda.

A vanguarda na educação deve se encontrar nas formas de realidade que se enunciam em pesquisas, aulas, conversas; e se fundamentam nos dias e nos trabalhos que congregam hoje as expectativas de futuros possíveis.

Não há como não observar, principalmente quem acompanha esta Instituição há algum tempo, o amálgama das idades existentes nos diversos modos de encontro e diálogo pelas trocas de informações e perguntas, de trabalhos e respostas, assim como a necessidade sempre atenta dos atores no processo de educação.

Porque alunos e alunas não são pedras brutas a serem polidas para refletirem o pensamento de professores, mas são pessoas com inteligência e visão de mundo que encontram, nos cursos desta Universidade, a possibilidade de construir uma outra relação com o mundo que os cerca, tomarem conta da construção de novas realidades e perseguirem suas visões de futuro.

Pois essa é a mesma experiência pela qual nós professores temos perseguido nossos futuros, construindo os devires, talvez pela percepção de um novo *Zeitgeist*, como lembra o professor Gerson Leite de Moraes ao mencionar os *Cursos de estética* de Hegel ou perceber a diluição do sentido dos tempos em um novo entendimento sobre a história.

A dialética de fatos e forças fica cada vez mais presente no processo educacional ante a noção de realidade, sua construção e sua mudança.

A experiência da Universidade é o abrir de mundos técnicos e mentais, e também do abrir mundos de amizade, tomando a experiência como ela é.

Em aulas de profunda sintonia que lembram aspectos transcendententes da experiência da arte, é o distanciamento de uma realidade o que sentimos ou é a abertura mais sincera de um campo de conhecimento e sua compreensão, sentida no corpo em toda sua extensão?

A experiência de estar no começo de uma faculdade ainda é clara em minha memória, andando pelo *campus* e conhecendo meus colegas e transformando o que antes era uma imagem de jardim, o Mackenzie, em estratégias de aprendizagem com os professores e trabalhos.

Ao mesmo tempo que trabalhos de expressão eram pedidos, havia a formação do abstrato de uma arte, sua produção, sua construção.

Imagens de arte se mesclavam com a audiência de palestras ainda mais cheias de dúvidas que certezas. A situação política, em tempos de ditadura, reforçava uma visão de arquitetura para uma realidade social.

A experiência de uma realidade aos poucos se transformava numa visão de mundo, numa ideia de arquitetura, numa forma de estar na sociedade observando seus modos de produção e decisão, economia e política.

Com o passar do tempo, o *campus* ganhava possibilidades nas interfaces da vida acadêmica. Auditórios, diretórios, prédios e corredores, salas e saguões ganhavam sentimentos diferentes e memórias que eram sintetizados com o passar pelas matérias e pelos estudos.

Dizer que o final de um curso é uma síntese simbólica significa apenas parte de um processo sempre repetido e reorganizado a partir de uma experiência e de suas expectativas por meio das quais somos movidos a novas experiências e novos entendimentos em movimentos de dialogia e mudança.

Experiências que marcam vidas individuais e as constroem em conjunto na sociedade em estados de cultura, os quais se modificam constantemente em permanente mutação admitindo novas tecnologias e novas concepções sobre o nosso ser.

A “terceira Modernidade”, como escrevem as professoras Adriana Camejo da Silva, Ana Lúcia de Souza Lopes e Maria Elisa Pereira Lopes, ressaltando as mudanças no tempo quanto à influência do capital e das revoluções industriais. A preparação para o pensamento digital, a desmaterialização de significados sociais e a preparação para o mundo da cibercultura.

Fantástico quadrilátero é o do Centro Histórico de nossa Universidade pelo quanto acompanha e reflete o conjunto de mudanças. Um edifício, o Chamberlain, quase intrometido, coloca-se nessa constelação de edifícios, caminhos e jardins hoje como laboratório de informática, tecnologia digital. Denota a preocupação constante das transformações e os olhares de futuro e como o *campus*, parte de uma cidade, agrega um conjunto de valores que se realizam e verificam em suas construções.

O muro que nos circunda não nos isola, ao contrário, identifica-nos, pois, como construção que guarda, é também a construção que se abre para a cidade em profunda sintonia com o processo educacional do Mackenzie.

O Mackenzie fora muros indica a sua extensão na materialidade de seus prédios em nossos arredores e nos novos *campi*, na história que carrega e incentiva e nos novos estados de cultura que absorve e reflete, digere e devolve. Mesmo construída com matéria inorgânica, a cidade demonstra, nas consecuições técnicas e em seus detalhamentos, nas formas e em seus desígnios, pensares e falares de pessoas e grupos na mescla de etnias e grupos sociais.

Tratado dinâmico sobre os tempos, a cidade expressa sua história na forma viva dos olhos de quem a vê e nos corpos que a capturam por meio de seus passos nas ruas. Eterna coreografia das gentes no ritmo constante dos dias evidenciando suas disposições políticas e econômicas nas dimensões de ocupação do espaço urbano.

Essa é a importância da cidade na constituição do tema desta coleção, pois, na materialidade formal de prédios, ruas e praças, a história se vê recontada e indagada a cada nova geração, admitindo novos valores para novos comportamentos nos velhos edifícios.

Na qualidade de tema-conceito, a cidade é tratada como grande dispositivo social abrindo possibilidades da modernidade, o estado sempre atual de uma cidade viva, nas suas diversas dimensões.

Não há como separar a história do Mackenzie do desenrolar da história da cidade de São Paulo como desenvolvimento urbano, chegando hoje a extrapolar os seus limites físicos, e mesmo no seu desenvolvimento social e abertura para uma multiplicidade de modos de produzir a vida e relacionar pessoas.

Essa dimensão significativa da cidade é abordada pelos professores Daniela Sacuchi Amereno, João Estevão Favaro e mais colegas no texto “De tijolos, ideais e pessoas: a cidade, a publicidade e o Mackenzie”. Passando pela antropologia de Massimo Canevacci, assentam o valor comunicacional da cidade nos pensamentos de Roland Barthes e Marc Augé. Roland Barthes influenciou mais de um pesquisador das cidades permitindo a combinação de ideias políticas nos fazeres e falares da sociedade.

Refletindo a cidade como texto, Barthes indicou a uma geração de arquitetos e urbanistas a possibilidade de olhar uma tessitura complexa e significativa da cidade.

Marc Augé indaga sobre o sentido da velocidade contemporânea e, próximo ao pensamento líquido de Bauman, percebe a fluidez dos sistemas de constituição de significados, suas mundificações e sua nova historicidade. Da sua materialidade e da sua forma, a cidade ganha outros contornos, e assim também o Mackenzie os ganha dadas as condições que cidade e Mackenzie enfrentam nas mudanças da sociedade e de suas formas de comunicação, valores e subjetivações.

O contorno comunicacional é logo abordado por uma foto com os prédios da Biblioteca, da Faculdade de Direito e do Centro Histórico. Um ideal de educação começado em 1870 se transforma em matéria – os prédios e seus tijolos – e depois se transforma em comunicação de ensino e amizade. A metrópole paulistana erguia seu olhar para novos horizontes e a educação era um deles.

Os autores indicam uma relação indeterminada entre seres do pensamento: a cidade, o Mackenzie e o humano. Isso que se apresenta como se fosse uma simples relação é uma das coisas marcantes da nossa Instituição. Duas forças fortemente materiais com suas potências de economia, política e construção

social. Mas o conceito de humano não é apenas um pensamento que se insere nos outros dois, mas confere, sim, a essa tríade uma outra dimensão referente ao pensamento e à vida, à compreensão das mudanças de costumes e de objetivos sociais.

Apresentado na *philia* mackenzista, é mais uma aura que um conjunto, é mais uma condição que se encontra nesse sistema de forças que fornece uma ideia de ser humano e uma forma de enfrentar o mundo de acordo com os sistemas técnicos que no Mackenzie são estudados com os próprios fundamentos éticos, ligados a uma missão institucional.

Esse conceito de “humano” no Mackenzie segue na sua história e está representado nas suas ágoras de intervalo, nos lugares de criação, nas paredes de seus prédios e nos muros, que tanto nos separam da cidade e da sociedade como nos ligam a elas.

O percurso de construção do *campus* em Higienópolis pode ser acompanhado na tessitura do texto da professora Isabel Orestes Silveira, “Por um Mackenzie maior e melhor”, destacando o surgimento dos prédios e as campanhas de arrecadação de fundos de construção, denotando a preocupação de uma sociedade com o Mackenzie e a educação por esta Instituição representada.

Em um texto solar, os prédios do *campus* vão se enfileirando na história e com eles as formas de ver os espaços dos prédios e das áreas abertas, pontos de reunião e desenhos que contam o passar do tempo. Das paredes portantes dos primeiros prédios em tijolos – em bela técnica de alvenaria aparente – aos mais novos prédios em concreto aparente – também mostrando uma verdade construtiva –, a história do *campus* se mescla com o desenvolvimento da arquitetura e as mudanças da cidade; períodos de racionalização.

A produção de projetos de arquitetura realizados por ex-alunos da Faculdade de Arquitetura Mackenzie é demonstrada em mais de um capítulo e em mais de um volume.

A racionalização da arquitetura moderna e suas novas contribuições técnicas e espaciais são expressas no texto da professora Eunice Helena Sguizzardi Abascal, neste volume, mostrando o confronto de dois pensamentos, um pela arquitetura eclética e outro pela arquitetura moderna. Tal confronto é resultado da dialética dos tempos e da passagem dos estados iniciais da metrópole para sua consolidação como cidade mundial.

Inicialmente podemos enxergar uma luta por estilos, mas estava muito longe disso, era uma luta por modos diferentes de olhar para o mundo e abrir-se para um futuro que já a todos circundava. A cidade enunciada pelo ecletismo afirmava as condições de uma sociedade que viu surgirem seus marcos estéticos em

edifícios como o Teatro Municipal e os bulevares, assentando uma nova noção de país pela Proclamação da República.

Sutil paradoxo, o Teatro Municipal, tão significativo de formas e figuras retratando valores estéticos e sociais do século XIX, foi o palco da Semana de Arte Moderna a qual abriu um novo caminho da poesia e da arte, e de modernização da metrópole por meio de uma verticalização cada vez maior e por uma força de extensão que a transformou numa megalópole.

Novas formas de arte, novas formas de arquitetura e uma nova noção de cidade se colocavam no desenho dos estudantes e nos planos de arquitetos e urbanistas e engenheiros mackenzistas. Pontes, viadutos, marcos urbanos e muitos prédios foram realizados sob a égide do crescimento da cidade visando a uma nova mentalidade cujo foco estava em um futuro quase próximo e, agora, ultrapassado.

Se a corrida espacial foi um dos grandes sintomas tecnológicos desse mundo que se apresentava como moderno, hoje temos a internet e as redes sociais a definir uma nova mentalidade.

A metrópole que conhecemos como sistema de urbanização – cidade *caput* e cidades-satélites – veio pouco a pouco agregando outros sistemas técnicos à vida cotidiana, alterando modos de comunicação e formas de relações de trabalho e de interações pessoais.

No capítulo “Uma escola, uma cidade”, os professores Antonio Claudio Fonseca, Roberto Righi e Valter Caldana mostram a presença dos professores formadores da FAU e de arquitetos formados tanto pelo curso de Arquitetura, ainda na Escola de Engenharia, quanto os já formados na Faculdade de Arquitetura, na construção da cidade revelando a nova imagem de modernização e escala.

A província não tinha mais dúvida da sua vida de metrópole. A escala de verticalização rivalizava com a extensa horizontalidade da cidade apresentando um cenário dramático evidenciado pelas diferenças sociais, dificuldades de transporte e diferentes escalas econômicas com seus desafios sociais e de enriquecimento.

Os novos modos de organização da mobilidade urbana, como escrevem o professor Antonio Claudio e colegas, sintomatizam os novos modos de produção contemporânea e a tendência, às vezes paradoxal, das formas de controle de produção, seja industrial ou comunicacional.

Talvez o mais estranho quando pensamos numa cidade inteligente – um sistema que coordena movimentos gerais transformando trocas físicas em operações de dados – venha a ser como um *software*, inicialmente pensado como

suporte ao mundo físico, tenha um retorno a esse mesmo mundo físico como gerenciador de suas ações em busca de uma intensa eficiência nos resultados de trabalho, trocas e meio ambiente.

Talvez venhamos a experimentar uma nova forma de ver o mundo, percebê-lo e senti-lo. As visões de ficção científica são cada vez mais próximas do cotidiano, pois cidades inteligentes e carros autônomos serão produtos análogos e comparilhados na internet das coisas.

Um ecossistema digital é demonstrado pela professora Dimária Silva e Meirelles no capítulo “Tendências da indústria, comércio e serviços para os próximos 150 anos” na integração dos processos de fabricação e sua automação, mobilidade urbana, casas e cidades integradas para otimizar e customizar ambientes e resultados.

Um dos resultados mais importantes nessa nova versão de sociedade é a forte preocupação com o meio ambiente e as políticas de sustentabilidade. A precisão dos comandos feitos por sistema digital implica menor custo de energia e maior promoção de uma consciência ecológica. As cidades também devem ser vistas como sistemas ecológicos, seja no consumo de energia ou na produção de ilhas de calor e poluição, os quais precisam buscar o equilíbrio de uma sustentabilidade ambiental que preserve a vida humana e a natureza.

A complexidade de um mundo veloz exige ferramentas que possam fornecer respostas a demandas cada vez mais rápidas, seja pelo acesso constante e intenso à informação, seja pelo profundo processo de industrialização.

Uma antropologia sobre a sociedade contemporânea deve ser tão dinâmica e tão veloz quanto as mudanças que acontecem rompendo com uma lógica de causalidade da história, compreendendo fatos, situações e pessoas pertencentes a uma linha imaginária que os organiza numa noção de sentido abstrato.

Novas formas de percepção dos acontecimentos no tempo das cidades e a intensidade de seus fluxos fornecem novas perspectivas sobre os modos de agir nesse novo mundo que abre suas portas para novas descobertas.

Ainda no capítulo de Dimária Silva e Meirelles, aportam-se os avanços, e desafios, da inteligência artificial e sua presença em outra mudança paradigmática inserindo a possibilidade de uma ferramenta responsiva que se aprimora nos processos de iteração, conjunto repetitivo de demandas e respostas que abrem uma interação entre máquina e sociedade, o ser humano e suas próteses, novas extensões proporcionadas pela precisão do mundo digital habitado por avatares sociais domesticando as distâncias e os tempos de deslocamento.

Ao alterar os sistemas de produção, o mundo digital altera também as fronteiras geográficas dessa mesma produção; as relações humanas são arrançadas na

mudança das fronteiras geográficas, a exemplo da telemedicina, como escrevem os professores Israel Florentino dos Santos e Leandro Pupo Natale apontando a telemedicina e as extensões possíveis do trabalho médico no capítulo “Da internet à era mobile”. Ao incentivar a racionalização de dados por meio do gerenciamento digital de fichas e receitas, a telemedicina abre diversas perspectivas de sua atuação, desde consultas a distância até cirurgias remotas.

Os autores mencionam os aplicativos de gerenciamento de saúde, de exercício ou sinais vitais que estarão sincronizados a uma central de dados. A internet das coisas fornecerá ainda maior poder de ação sobre as formas de gerenciamento da vida no futuro. As cidades inteligentes estarão conectadas com as demandas individuais, da necessidade de alimentação à comunicação dos sinais vitais.

Carros autônomos poderão se deslocar em cidades que se autoprogramam conforme as demandas do dia, algo nada difícil de imaginar com os atuais aplicativos de transportes e carros com sistema de comunicação constante com uma central. A imagem de um futuro distante situa fatos cada vez mais próximos do nosso tempo, das nossas vidas.

A expectativa que tal realidade se conjugue num cenário *cyberpunk* é não prestar atenção aos processos técnicos que nos circundam. A primeira modernidade relativa à velocidade mecânica e aos arranha-céus cedeu seu lugar a um outro conceito de vida, uma vida em constante *streaming*, aberta a demandas individuais.

Dessa forma, o nosso tempo fluido promove novo sentido de qualidade de vida. Postos remotos de trabalho reclamam outra forma de habitar, ou de andar. Como esquecer, antes dos eventos da pandemia da Covid-19, os espaços de *coworking* sem a regência de um ambiente formal e sem hierarquia. As mudanças de projeto convidariam novas parcerias, e o escritório estaria resumido a um *notebook*.

A preocupação com tal cenário fica exposta no capítulo “O futuro da saúde na cidade”, dos professores Eder de Carvalho Pincinato e Marcelo Guimarães, observando a facilidade de troca de informações e a otimização do tempo.

A eficiência profissional mostra-se parametrizada pelas novas tecnologias de informação em todos os setores ao abrir possibilidades de organização geográfica do trabalho e da moradia, e permitir que a assistência à saúde esteja relacionada a esse modo de viver. As teleconferências e as teleconsultas são episódios de um mesmo cenário que desmonta a necessidade das relações diretas entre profissionais da saúde e seus pacientes, todos seres viventes num mundo ágil e frágil, evanescente.

Os autores declaram a expectativa de um futuro em que a relação do ser humano com suas máquinas poderá, com o auxílio de inteligência artificial, expandir o benefício da saúde. Com tal tecnologia e por meio dela, uma condição do indivíduo se vê revigorada, a própria situação na sociedade não como número em uma fila de números, mas como uma pessoa com condições específicas, reforçando seu direito à cidadania.

A saúde vista como suporte às estratégias de vida pessoal e coletiva passa a ser vista como direito de pessoas e grupos sociais agindo, com todas as possibilidades tecnológicas, como parte de uma política sobre a existência humana.

Esse é um ponto marcante no capítulo “Saúde, cidadania e educação”, dos professores Adriano Monteiro de Castro, Alessandra Gotuzo Seabra, Marcos Vinício de Araújo e Maria Eloisa Famá D’Antino, ao citarem os princípios da preservação da dignidade humana, da construção da identidade e do exercício da cidadania, reiterando o direito constitucional que toda pessoa tem em construir uma identidade.

É possível identificar nos dois capítulos citados uma convergência quanto ao direito individual e ser reconhecido por isso na sociedade. Enquanto a tecnologia intensifica a possibilidade de a saúde ser tratada na individualidade da pessoa, o reconhecimento do seu direito à construção de uma identidade encontra a mesma preocupação nas formas da educação e da construção de subjetividades.

O direito à escolha, afirmam os autores, é uma condição da dignidade humana ao compreender a extensão desses princípios e enunciar uma sociedade que todos abarca como iguais e socialmente importantes admitindo políticas de inclusão e o direito de uma pessoa ser reconhecida como cidadã.

Não há como distanciarmos os elementos-tema desta coleção, a tríade educação, cidade e sociedade, pois estão sempre proporcionados nos tempos de desenvolvimento da pessoa humana e na sua relação com a sociedade que a recebe em qualquer dimensão física ou informacional, científica ou espiritual.

A cidade é parte dos depósitos de esforços que uma sociedade produz ao construir suas realizações nos seus tempos, esforços acomodados em mapas de urbanidade, geografia de pensamentos e sentimentos de uma sociedade.

Os autores dos dois capítulos focalizam o valor da educação como meio de atingir as potências da tecnologia e do direito quanto à individualidade que toda e qualquer pessoa possa conquistar e encontrar o seu valor na sociedade.

Os cursos na nossa Universidade buscam demonstrar, por meio de valores educacionais, as relações de direito explicitadas em exemplos de fato, observando um móvel equilíbrio na dialogia entre sociedade e educação. Seja pela

tecnologia e por seus avanços ou por um pensamento humanista e seus desafios, a Universidade enfrenta as demandas de seu tempo no esforço cotidiano de aulas, pesquisas e trabalhos sociais, como exposto em diversos textos dos livros desta coleção.

Esse olhar para um mundo móvel que nos cerca exige uma percepção atenta que permita adiar o imediato e construir uma visão interna aos fatos, e, por meio de uma inteligência, abrir os campos poéticos da existência dentro de suas formas possíveis.

Isso é o que vemos no texto – como elas mesmas se referem na introdução – escrito por três Anas Cláudias, as professoras Ana Cláudia Silva Scalquette, Ana Cláudia Ruy Cardia Atchabahian e Ana Cláudia Pompeu Torezan Andreucci, de título luminoso assim como a intenção de seu conteúdo: “Direitos humanos e Mackenzie, tornando visível o invisível”.

As autoras entendem que esta é a vocação do Mackenzie: fazer aparecer o que ninguém ou poucos veem, objetivando na prática educacional não apenas o reflexo de uma sociedade, mas também a existência de um motor pensante que aponta o foco do seu olhar nos interstícios dos fatos fornecendo à história outros aspectos advindos de uma luminosidade.

O pensamento das professoras ilumina o caminho do direito ao encontrar enunciados de vida ao longo dos 150 anos do Mackenzie, como a Declaração dos Direitos Humanos e do Estatuto da Criança e do Adolescente, os quais focalizam o direito a uma vida digna. Ainda mais importante é formalizar uma identidade de crianças e adolescentes e fornecer-lhes uma compreensão legal de suas necessidades e, principalmente, de um direito a um presente e um futuro.

Os enunciados de vida não cessam aqui, o texto segue abrindo a participação de mulheres no Mackenzie e na sociedade enumerando pessoas, fatos e lugares, tão caros à formatação do pensamento histórico. Iluminam, assim, o que deve ser revelado, o protagonismo feminino em diversos momentos desta Instituição muitas vezes esquecido, mas presente nas bases do Mackenzie e na sua função social: a educação.

Precisam ainda se debruçar sobre outro manto de invisibilidade, escrevem as autoras: a invisibilidade da velhice e da deficiência, e seus atores esquecidos pela imagem da perfeição e da beleza.

Em outro instante de luminosidade, apontam para o forte título desse texto perguntando: “E por que invisíveis? Porque indesejáveis”. E relatam a inferência dessa luminosidade nas ações da lei conforme estudada na Faculdade de Direito.

Sutil e difícil tessitura das demandas provocadas por esse texto e a invisibilidade, e pelos textos antecedentes sobre a necessidade da tecnologia para aperfeiçoar um atendimento individual, assim como a necessidade de ações inclusivas para atender a esses mesmos invisíveis das Anas Cláudias, dando-lhes o direito a uma existência digna. Abrem por um momento a potência de seres humanos colocados às margens pelos estereótipos de normalidade e traduzem suas formas cidadãs a partir desse instante de luminosidade.

Devo declarar minha admiração pelos meus colegas professores, mesmo passando tão rapidamente por alguns textos desta coleção. Nunca esqueceram o objetivo de precisar, no tempo de cada curso, as nossas origens, mas também o nosso presente. Seus textos proporcionam uma clara visão sobre o compromisso que o Mackenzie teve desde sua fundação e mantém ainda hoje em inúmeras frentes de trabalho.

Ao longo desta coleção, é possível encontrar a seriedade de aulas e pesquisas que enfrentam todos os temas centrais do nosso tempo, assim como os problemas de nossa realidade. Os trabalhos em extensão relatados conferem a preocupação de uma universidade em estabelecer formas de contato em seus trabalhos com a comunidade externa a ela.

Na profundidade e no compromisso de todo esse trabalho, encontramos uma razão poética na forma de olhar, nas entrelinhas da profundidade acadêmica, as certezas do compromisso com a sociedade e produzir a realidade do amanhã a partir dos fantasmas de hoje.

Imaginar um mundo a partir de sua ação sobre ele, utilizando o conhecimento inerente a cada área e sua técnica, infere um olhar atento às mudanças e ao que permanece.

São intensidades encontradas nos textos enquanto escrevem sobre a cidade de São Paulo e sua história, seus lugares e encantos, mas também nos desalinhos das desigualdades e da busca de direitos individuais e de grupo.

Para tal conjunto de esforços, todos os recursos técnicos são apresentados, e sobre os quais aportam reflexões, memórias e projeções de futuro.

O tema-conceito desta coleção – “educação, cidade e sociedade” – é uma tríade considerada como síntese da história do Mackenzie, como os textos publicados a demonstram. Cada parte desse conceito está relacionada pelas dimensões que podem ser produzidas entre elas. Não devem ser vistas unicamente pela causalidade temporal ou por uma relação estrutural, mas devem ser vistas pelas dimensões de suas naturezas.

O conceito cidade deterá em seu desenvolvimento as dimensões de novas ecologias materiais e imateriais que não estão submetidas a uma causalidade,

mas permitem transpor as fronteiras legais – o município de São Paulo – até o encontro com o mundo por meio de redes comerciais, intelectuais ou de afeto.

Nessas ecologias, muitas vezes encontramos a inferência de valores construídos ao longo do tempo por uma sociedade, outro conceito da tríade, que, mesmo estando num mesmo momento histórico, nem sempre estabelece correspondências diretas com a cidade. As artes, a cultura e a educação são muito claras nessa diferenciação como mostrado na relação entre os valores estéticos do Teatro Municipal e a Semana de Arte Moderna. Em 1922, o jovem Teatro Municipal abrigou a Semana de Arte Moderna. Uma cidade cosmopolita era erguida na sociedade metropolitana, com novas intenções sobre si e sobre sua relação com o mundo que a cercava.

A educação cumpria seu papel de construção de uma nova sociedade na busca de entender as novas relações entre pessoas e os novos recursos técnicos que exigiam lidar com mudanças cada vez mais rápidas, gerando a sensação, como sentimos hoje, de uma desconexão entre a capacidade tecnológica contemporânea e nossos conjuntos de pensamentos e sentimentos.

Dessa forma, o tema-conceito desta coleção tem a intenção de ser visto por seu lado dinâmico, apresentando facetas históricas e tecnológicas com enunciados sociais e legais.

É necessário dizer que essa intenção não foi uma determinação para os representantes das unidades universitárias ou para os professores. Essa dinâmica foi atingida espontaneamente no trabalho compromissado de professores e professoras que depuseram, em seus escritos, o trabalho de cada unidade e da constituição de seu pensamento.

Essa dinâmica, ação viva do pensamento e da construção social, é uma das grandezas desta coleção que, insisto, é decorrente de um grande trabalho feito por professores e professoras desta Universidade.

No livro *As cidades invisíveis*, Italo Calvino escreve sobre a cidade imaginária de Tecla, uma cidade sempre em construção com os habitantes sempre prontos a realizar suas tarefas. Quando perguntados sobre o objetivo, ou projeto, dessa ininterrupta construção, disseram para esperar até o fim da jornada de trabalho. Ao fim do dia, em noite de estrelas, mostraram a cidade e disseram: eis o projeto.

Assim é esta coleção. É a mostra atual de um contínuo processo de educação, da busca de novas fronteiras do conhecimento e da responsabilidade social.

Os livros desta coleção formam um retrato atual desse contínuo trabalho que não para, e não parou, apesar dos esforços que foram necessários fazer para enfrentar a pandemia de Covid-19.

Não houve problemas que não foram possíveis de ser resolvidos, apesar destes nossos difíceis tempos, graças a uma rede de colaboração que a todos envolveu, desde a reitoria desta Universidade até os professores, passando pelas coordenações, pelos representantes das unidades e pelas direções.

A todos dedico meu respeito e minha admiração.

Escrever a quem agradecer seria enumerar todos os nomes desta coleção, no entanto, quero ressaltar alguns, principalmente pelo contato que pude ter durante este trabalho.

Nas reuniões em comemoração aos 150 anos do Mackenzie, tive a oportunidade de conhecer o reverendo Cid Pereira Caldas, relator da Comissão do Sesquicentenário, a quem agradeço o apoio recebido. Agradeço também ao Conselho de Curadores, na figura do reverendo Juarez Marcondes Filho, e ao Conselho Deliberativo, na pessoa de seu presidente, o presbítero Hesio Cesar de Souza Maciel.

A Universidade abraçou com paciência este trabalho e cooperou no acompanhamento e desenvolvimento desta coleção, por isso agradeço ao reitor Marco Tullio de Castro Vasconcelos e, em sua pessoa, a todos os pró-reitores.

Nas poucas vezes que encontrei o reverendo Robinson Grangeiro Monteiro, foi possível encontrar seu equilíbrio ao enfrentar as coisas e os fatos inerentes à Universidade. Em sua pessoa agradeço à chancelaria, e, na pessoa do Sr. José Inácio Ramos, agradeço o apoio do Instituto Presbiteriano Mackenzie.

As unidades acadêmicas concentraram a maior parte da organização e produção destes volumes e, embora com idas e vindas para acertos gerais, fizeram com que o trabalho de consecução dos volumes transcorresse em qualidade e equilíbrio. Assim, agradeço muito a todos os diretores e a todos os representantes das unidades que organizaram seus volumes correspondentes seguindo uma ideia comum a todos e, ao mesmo tempo, produzindo identidade própria a cada um dos volumes.

Por mais que já tenha sido dito, sempre será necessário ressaltar a presença de professoras e professores na clareza de seus textos e compromisso com uma ideia de Universidade. Passar por seus textos é uma experiência na qual se estabelecem as maneiras de ver ou construir noções de realidade. Agradeço a todos a grandeza de fazerem depoimentos de várias ordens, contando sobre os cursos e como a realidade de nosso país é pensada, analisada e nela depositada sementes de conhecimento.

O desenvolvimento da coleção foi sempre acompanhado pela Editora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, verificando os textos, formatos de livros, capas e cores; sempre de forma cuidadosa e constante. Agradeço profundamente

ao coordenador da Editora John Sydenstricker-Neto o olhar sempre positivo e amigo, e a Pedro Pancheri o seu trabalho de formatação das capas dos volumes com seu conhecimento técnico. Agradeço-lhes também o acompanhamento ao exercício poético onde se pensava não existir.

Ainda à Editora agradeço o corpo técnico na figura da coordenadora editorial Andréia Ferreira Cominetti.

O professor Eduardo Castedo Abruñhosa foi quem primeiro teve a ideia de uma participação na comemoração do sesquicentenário desta Instituição e chamou-nos, a professora Maria Teresa de S. e Breia, o professor Rafael Manzo e eu. Como grupo operacional, logo se juntaram a nós Débora Setton, Isabella Gadotti Narciso, Thaty Tamara Baldini Galvão e Giovanna Rodel Prado.

Aos mais de dois anos de trabalho e a todos em companhia de todos, agradeço.

Por fim, espero que a todos esta coleção possa vir a ser um ponto de encontro com nossos colegas, com seus pensamentos e produções, e que seja sentida como uma ágora de intervalo pelo adiamento do contínuo do tempo dos trabalhos e dos dias. Que a todos seja a mostra de uma grandeza universitária, da nossa grandeza universitária e que esse bom sentimento esteja sempre presente na *philia* mackenzista.

Celso Lomonte Minozzi



COLEÇÃO 150 ANOS DE
**MACKENZIE E A
CIDADE DE SÃO PAULO**

Você chegou ao fim da amostra.

Para comprar o livro, entre em contato com
a Editora Mackenzie:

editora@mackenzie.br

Preço do livro: R\$ 25,00



Editora
Mackenzie

| 150 anos
1870 - 2020

A Coleção 150 anos de Mackenzie e a cidade de São Paulo é composta por livros escritos por professores das Unidades Acadêmicas da Universidade Presbiteriana Mackenzie e personalidades de relevância, nos diversos campos do conhecimento compreendidos por estas, em comemoração ao sesquicentenário da instituição.

As obras contemplam as relações e a participação dos cursos dessas unidades no processo de construção da cidade de São Paulo nesse período, a contar da criação da Escola Americana em 1870, por meio de abordagens específicas para cada curso, relacionadas com a temática Educação, Cidade e Sociedade.

O presente livro procurou contemplar, sob o tema-conceito Educação, Cidade e Sociedade, aspectos basilares para todas as abordagens citadas como responsáveis pela invenção da metrópole paulistana e gênese desse processo para a construção da condição metropolitana. Mostra também os temas relacionados à evolução e sedimentação da relevância do Mackenzie inserido no contexto da cidade de São Paulo, com suas implicações e consequências.

Aqui, o leitor entrará em contato com trabalhos de mackenzistas na sociedade paulistana em desenvolvimento diante dos desafios da modernidade. Por fim, esta obra evidencia o caráter aglutinador exercido pelo Centro Histórico e Cultural Mackenzie, entre a riqueza de seu acervo e as demandas do Grupo de Trabalho do projeto “150 anos de Mackenzie e a cidade de São Paulo”.



COLEÇÃO 150 ANOS DE
**MACKENZIE E A
CIDADE DE SÃO PAULO**

ISBN 978-65-5545-255-6



9 786555 452556